

DE MIGRANTE A NÔMADE: A SUBJETIVIDADE FEMININA EM TRANSFORMAÇÃO

Ana Cristina dos Santos (UERJ/UVA- Pós-doutoranda da UFMG)¹


Resumo: O tema da migrância pelos espaços urbanos faz parte das obras de escritores filhos de pais exilados dos regimes totalitários da América Latina, que cresceram fora de seus países de origem e conviveram entre duas ou mais culturas. Nesse grupo de escritores, conhecidos como *la segunda generación del exilio*, se inclui a escritora chilena Rossana Dresdner, que viveu exilada com a família na Suécia, e seu romance *Pasajeros en tránsito* (2012). A partir desse romance, este trabalho tem como objetivo analisar e discutir as novas relações com o espaço que resultam das experiências dos deslocamentos e da reterritorialização, suas relações com a questão de gênero e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito feminino.

Palavras-chave: Deslocamentos; Gênero; Identidade; *Pasajeros en tránsito*.

A América Latina, desde a sua inclusão à cultura ocidental, foi o lugar dos deslocamentos espaciais e culturais por excelência. A própria história da região foi sistematicamente marcada pelo movimento e pelo trânsito de pessoas, em um constante fluxo de entrada e de saída: a chegada de portugueses e de espanhóis a partir do “descobrimento”; a entrada de africanos com a escravidão; a saída dos filhos de espanhóis e portugueses que foram estudar na Europa; a entrada maciça de imigrantes europeus e asiáticos no final do século XIX e início do XX; o exílio dos perseguidos pelas ditaduras militares desses países no século XX e os movimentos migratórios de um grande número de latinos em busca de condições melhores de vida nos países do eixo norte (Estados Unidos e Europa) ao longo da segunda metade do século XX e XXI.

Desse modo, podemos afirmar que a América Latina foi e é tanto uma receptora de imigrações ao longo de sua história, como também produtora de emigrações para outras regiões. Os deslocamentos foram um tópico constante na história da região e, por conseguinte, também se tornou um dos principais temas de sua literatura e das reflexões teórico- críticas produzidas ao longo desses períodos. Portanto, não é falacioso afirmar que os deslocamentos territoriais e culturais na literatura latino-americana é um dos assuntos mais constantes e permanentes entre os escritores. A intensificação do tema nas obras publicadas das últimas décadas fez com que grande parte da crítica voltasse os olhos para a questão e, em uma análise retrospectiva, percebesse que é com essa tradição de deslocamento presente na região que as obras desses escritores contemporâneos dialogam e, ao mesmo tempo, se distanciam. Dialogam porque mantêm

¹ Professora Associada do Doutorado e do Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e do Departamento de Letras Neolatinas (Português/Espanhol) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Veiga de Almeida. Membro do GT ANPOLL “Vertentes do Insólito Ficcional”. Contato: anacrissuerj@gmail.com.




o tema da viagem, da diáspora, do exílio e da migração, mas se distanciam porque mesclam a cultura do país de origem com a do país de chegada, desestabilizando os limites dos estados-nações e das identidades nacionais e, conseqüentemente, o sentimento de possuir somente uma raiz.

As narrativas publicadas até o início da segunda metade do século XX contribuíram para afirmar as fronteiras nacionais e o pertencimento do escritor ou dos personagens a uma identidade de raiz única, relacionada à nação e à cultura nacional. A cultura do país de origem não se maculava com a do país de chegada ou, inversamente, se perdia a do país natal para poder manter a do estrangeiro. Um processo que “hizo todo lo posible por homogeneizar y asimilar (territorializar) al Otro” (TORO, 2010, p. 9). Já essas narrativas do final do século XX e do século XXI mantêm o tema da errância e do deslocamento, mas desestabilizam os conceitos de pertencimento único, pois os escritores relacionam, em suas obras, as culturas do país de origem e a do país de chegada, reconfigurando o sentimento de pertença. As personagens desses romances se apresentam fragmentadas, traduzidas, atravessadas pelas culturas nas quais circulam os seus autores. Muitas vezes, as personagens “espelham” a própria condição de desterritorializado do escritor. Nessa perspectiva, as narrativas latino-americanas contemporâneas que tratam do deslocamento espacial afirmam noções como o transculturalismo, o hibridismo cultural e a identidade traduzida.

Nesse cenário literário da região, ressignificam-se também os romances contemporâneos que têm o exílio como pano de fundo. As narrativas publicadas pela segunda geração do exílio² se diferem das publicadas pela primeira geração. As narrativas dessa primeira geração, nas quais escritores, já adultos, precisaram se exilar por causa da perseguição política dos regimes totalitários da região, reiteram a temática de nostalgia e de perda do país de origem. São portadoras de um sentimento de despossessão identitária, na qual marcam a separação entre um “eu” e o seu lugar de origem. Esse sujeito exilado “insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar” (SAID, 2003, p. 55) que não seja a sua terra natal. Já os escritores da segunda geração do exílio, ao contrário, não cultivam esse sentimento de perda da

² A “segunda geração do exílio” aparece como autoria e tema em obras da literatura latino-americana do início do século XXI. Como autoria, são os filhos de exilados que retornaram ao país natal na época da abertura política ou depois e se tornaram escritores, publicando romances nos quais tratam especificamente dessa segunda geração e as conseqüências do exílio na vida dos filhos de pais exilados. E como tema, tratam do exílio e do viver no entre-lugar cultural dessa segunda geração.




origem. Eles saíram de seus países ainda crianças ou no início da adolescência, acompanhando os pais no exílio, cresceram no país de chegada e, por isso, não guardam laços afetivos fortes com o país natal. Motivo pelos quais não evocam, em suas narrativas, esses sentimentos de perda e de nostalgia.

Essa segunda geração do exílio é portadora de uma condição singular: o hibridismo cultural. São de *lá*, mas também *daqui*, aprenderam a “negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2005, p. 88). Tornaram-se sujeitos conscientes da condição híbrida que possuem e, como tal, manifestam em seus romances o privilégio de viver entre dois mundos, duas culturas por meio de personagens possuidoras de identidades móveis, traduzidas que se definem a partir de sua condição de sujeito errante.

Por tal motivo, as narrativas da segunda geração do exílio se centram nas relações entre deslocamentos, pertencimentos e identidades. O foco está na problematização da questão do pertencimento e seus desdobramentos para a reconstrução identitária dos personagens. O tema da ditadura - motivo do exílio - também está presente, nem sempre é o eixo principal da narrativa. Algumas vezes, apenas perpassa nos romances, como pano de fundo e elemento detonador do encontro das personagens com outras culturas. De modo que a trajetória das personagens não está determinada pela ditadura, mas pelas diversas consequências que o deslocamento, causado por essa ditadura, acarretou na vida das personagens. Os romances da segunda geração do exílio começam a ser publicados a partir do século XXI e se fazem mais presentes nos países do chamado Cone Sul da América Latina, onde os regimes ditatoriais foram mais violentos: Argentina, Uruguai e Chile.

Neste trabalho, focamos no romance chileno *Pasajeros en tránsito* (2012), da escritora Rossana Dresdner que retrata ficcionalmente a segunda geração do exílio e as consequências da saída do país na vida desses jovens chilenos. A segunda geração está presente na obra como tema e também como autoria, já que a autora, Rossana Dresdner, exilou-se com os pais no início de sua adolescência na Suécia e viveu nesse país até o início de sua vida adulta, quando retornou ao Chile. Cabe ressaltar que esse é o primeiro romance publicado no Chile sobre o tema. Nossa análise, apoiada no romance de Dresdner, tem como objetivo discutir as novas relações com o espaço que resultam das




experiências dos deslocamentos e da reterritorialização, suas relações com a questão de gênero e suas consequências para a (re)construção identitária do sujeito feminino.

Desde seu título, a obra de Dresdner apresenta a característica inerente da contemporaneidade: a constatação de que o sujeito contemporâneo está sempre em trânsito. No romance, tudo circula ou parece atraído pela movência: o título, as personagens, as relações entre as personagens, os lugares. De modo que a obra nos remete ao desenraizamento e às questões identitárias, em um vaivém entre “estar” e “ser”. O foco da narração é a personagem Gabriela e seus vários deslocamentos espaciais e culturais entre o Chile, a Suécia e o Sudão: “[Katta] Y busqué personas como yo, transitorias. Por eso me gustó Gabriela, siempre de paso, nunca apostando en nada, o más bien, apostando en todo” (DRESDNER, 2012, p. 75).

A obra está composta por 23 capítulos. Em cada capítulo emerge a voz de apenas um narrador. Os capítulos se intercalam entre a voz narrativa de Gabriela e a voz de outro personagem que é o protagonista dos acontecimentos relatados, em um período que vai de 1975 a 1996. Os fatos narrados são construídos pelos fragmentos das memórias dos narradores e, como tal, não obedecem a uma sequência cronológica linear e nem a uma organização rígida. Cabe ao leitor entrelaçar as histórias dos personagens, até completar as lacunas existentes e, assim, dar sentidos às histórias e aos fatos narrados. Todas as narrativas se centram em torno da personagem Gabriela e se dividem em dois momentos. O primeiro conta o período da adolescência da personagem na cidade sueca de Uppsala, onde a família se exila e relata a adaptação da jovem ao novo país, a sua língua e aos seus costumes. Nessa parte, a história de Gabriela é compartilhada pelos amigos bolivianos Lalo e Chino e pela amiga finlandesa, Pirkko, desterritorializados como ela.

O segundo momento do romance retrata a personagem já adulta. Outros personagens também aparecem na narrativa. O pano de fundo dessa parte é a abertura política do Chile; o retorno de algumas personagens exiladas ao país (entre elas a própria Gabriela); o envolvimento delas com a Frente Patriótica Manuel Rodríguez pela libertação do Chile; a participação delas no atentado contra o general Augusto Pinochet, em 07 de setembro de 1986 e a vida que as personagens (principalmente Gabriela) levam no país, após a abertura política. Nessa parte há a mescla de fatos reais com os ficcionais.




Esses dois momentos estão compostos por personagens jovens, oriundos de diversos espaços, ordens sociais, origens étnicas e tradições culturais diversas, com os quais a personagem Gabriela se relaciona, seja no âmbito familiar, amoroso ou de amizade. São sujeitos que, como ela, percorrem os espaços limiáres das cidades, dos países e de si mesmos. São *passageiros em trânsito* que, em maior ou menor grau, questionam-se sobre a noção de pertencimento: “¿En qué estoy? Aún atorada en la eterna duda del origen, las raíces, el destierro, etc. Dudas más bien añejas, sin nada nuevo, ni para mí ni para nadie que haya dejado alguna vez su país para irse a otro (DRESDNER, 2012, p. 233).

São sujeitos que exprimem o estranhamento de viver em outra cultura, falarem outra língua, seguirem outros costumes. Vivem em fase de adaptação e em busca constante do sentimento de pertencer a um lugar até se descobrirem como sujeitos traduzidos. Somente a personagem Gabriela circula pelas três culturas presentes no romance – a sueca, a chilena e a africana. Essa mobilidade espacial conduz a personagem aos encontros interculturais que a redefinem como sujeito e contribuem para que, pouco a pouco, transforme-se de sujeito migrante para sujeito nômade, segundo a definição do termo explicitada por Braidotti (2002, p. 10):

Em meu último livro fiz a distinção entre subjetividade nômade e duas outras figurações com as quais é frequentemente – de modo desfavorável – comparada: primeiro o migrante, depois o exilado. O itinerário clássico do migrante é composto por lugares fixos: da “casa” para os países “anfitriões”, em uma série de deslocamentos consecutivos. Argumentei que o migrante – como figura das duras condições econômicas – tende a se apoiar nos valores “natais”, enquanto tenta se adaptar àqueles do ambiente anfitrião (um corte congelado de história). [...] O nômade por outro lado se posiciona pela renúncia e desconstrução de qualquer senso de identidade fixa. O nômade é semelhante ao que Foucault chamou de *contramemória*, é uma forma de resistir à assimilação ou homologação dentro de formas dominantes de representar a si próprio. [...] O estilo nômade tem a ver com transições e passagens, sem destinos pré-determinados ou terras natais perdidas.

No decorrer do romance, o leitor observa que a narrativa da personagem Gabriela não evoca mais o trauma da perda do país de origem e tampouco o “estranhamento” por viver em um país do qual nada conhecia e cujas língua, cultura e tradições diferiam enormemente da sua; mas, ressalta o “desejo de desenraizamento vivido não [mais] como privação, mas como *ethos*” (BERND, 2010, p. 303. Grifo da autora). Enfim, a narradora desprende-se tanto da condição traumática de exilada e da frustrante




necessidade de identificação com os lugares por onde passa, como também da condição de migrante que prevê sempre uma escolha para o lugar aonde vai³ e afirma para si uma subjetividade nômade, desprovida de referenciais fixos e sujeita a constantes reformulações pelos espaços que circula.

Por tal motivo, a narrativa evidencia o deambular da personagem pelos diversos espaços do romance e as contribuições que cada um agrega ao seu ser, mas sempre ratificando o estranhamento que a personagem sente ao circular por eles e o desejo de não fixar-se em nenhum: “Y sentí urgencia por cambiar. No tenía claro específicamente qué, pero si la urgencia. La sentía a diario. Y, a diario recordaba Uppsala” (DRESDNER, 2012, p. 210). Não cria raízes em nenhuma cidade em que se encontra. Após um tempo, sente o desejo de mudar e se coloca novamente em movimento, sabendo qual será o percurso a fazer: voltar às cidades de sua memória, retomando um itinerário que por quantas vezes percorrido, será sempre diferente. Essa noção de percurso já conhecido diferencia, segundo Bernd (2010, p. 302-3), as noções de nomadismo e errância. O nômade sabe para onde vai, conhece o seu percurso, evoca-nas memórias que possui sobre os lugares. Já o errante se desloca a esmo, sempre em frente e em busca do desconhecido. Contudo, ambos rompem com o equilíbrio existente no espaço de chegada, por isso, são considerados nos espaços pelos quais circulam, estrangeiros, tais como Gabriela, considerada estrangeira inclusive no Chile: “Efectivamente ella no entendía: era gringa” (DRESDNER, 2012, p. 225)

Esse sentimento de estranhamento com o espaço está presente em toda a narrativa, levando Gabriela a considerar que o problema está na relação entre ela e os espaços percorridos. Por isso, ao retornar a Uppsala ou a Santiago necessita caminhar pelos espaços cívicos, para tentar reencontrar a cidade e refazê-la em sua memória. Percorre-a, como um *flâuner*, procurando reconhecer a cidade e reconhecer-se nela:

Me he dedicado a recorrer Uppsala – las calles y los lugares con los que He señado durante tres años – y caso todo está igual, como el viejo cine *Fyrisbiografen*, en la calle *St. Olofsgatan*, que ya tiene más de 80 años y donde fui a ver una película anteayer. O como la fuente de los cisnes, *Svandammen*, que veo desde aquí, por la ventana del café, con el antiguo castillo *Flustret* detrás. Es como si hasta los cisnes fueran los mismos. (DRESDNER, 2013. p. 229. Grifos da autora)

³ Segundo Said (2003) todo indivíduo impedido de voltar a sua terra natal, por quaisquer motivos, é um exilado. Porém, especifica que o exilado é quem foi banido da pátria e está condenado a uma vida infeliz e solitária em outro país. Os emigrados, por sua parte, são aqueles que desfrutam de uma situação ambígua, pois o ato de emigrar é uma escolha pessoal e não uma pena imposta como para os exilados.




Após algumas caminhadas, percebe que a sensação de estranhamento é interna. É dela e não da cidade. Não há um espaço que consiga chamar de “lar” e, por isso, passa a considerar-se “desadaptada, extraña, extranjera” (DRESDNER, 2012, p. 211). Somente no final da narrativa, em seu retorno à Suécia, compreende que não há um lar, pois, os espaços pelos quais passou contribuíram para formar a pessoa que é hoje: um ser traduzido, em que as “rotas”, os itinerários são mais importantes que as raízes, pois lhe permitem manter filiações simultâneas a culturas diversas. Gabriela reconhece-se, assim, como sujeito nômade, cuja construção identitária ocorre no desejo do percurso e não mais na necessidade de caminhar: “¿Qué es lo transitorio en este viaje? ¿Qué es lo permanente? Es imposible saberlo. Porque también eso cambia [...] No todo está definido con anterioridad. También importa lo que uno va eligiendo en el camino” (DRESDNER, 2012, p. 236).

Desse modo, os deslocamentos efetuados ao longo da narrativa produzem mudanças nesse sujeito feminino desenraizado que a cada novo espaço percorrido, constrói uma identidade cada vez mais plural e traduzida em detrimento da identidade de raiz única que possuía ao deixar o Chile. No romance, a construção dessa subjetividade nômade ocorre principalmente por meio do encontro com o Outro feminino, já que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora delas” (HALL, 2000, p. 11). A partir dessa perspectiva, a narrativa relaciona o deslocamento da personagem com as questões de gênero, enfatizando o caráter gendrado da nova diáspora contemporânea. Desse modo, a autora explora a literatura como uma prática política e social que visibiliza a mulher como parte constitutiva da sociedade cosmopolita contemporânea. Para a crítica feminista Avtar Brah (2011), a participação da mulher na sociedade contemporânea, seu papel como sujeito atuante e sua participação nos deslocamentos nacionais e transnacionais é um dos elementos diferenciadores dos deslocamentos anteriores para os de agora, o que a teórica denomina como feminização da diáspora:

[...] las mujeres se han convertido en figuras emblemáticas de los regímenes contemporáneos de acumulación. No sorprende, por lo tanto, que las mujeres constituyan un segmento creciente de las migraciones en todas las regiones y en todos los tipos de migración. (BRAH, 2011, p. 210)


O romance centra a narrativa em torno dos deslocamentos da personagem Gabriela, mas também dá voz a outras narradoras que contam parte de suas vidas



entrelaçadas a de Gabriela, expandindo o espaço do romance para além das fronteiras nacionais das personagens. São seis personagens femininas, além de Gabriela, que narram suas histórias em capítulos próprios: Pirkko, finlandesa; Katta, sueca; Eugênia e Andrea, chilenas e Zhara e Azieb eritreias. Não sabemos se por intencionalidade, mas são duas narradoras para cada espaço que a personagem Gabriela percorreu: Pirkko e Katta na Suécia (ainda que essa última tenha vivido um período no Chile); Eugênia e Andrea no Chile e Zhara e Azieb no Sudão (ainda que Azieb tenha sua história no Sudão narrada a partir da Itália, país em que vive). Assim, as histórias dessas personagens estão relacionadas aos espaços pelos quais Gabriela circulou e, no romance, objetivam mostrar as dificuldades e as especificidades da vivência de cada uma pelos lugares em que passaram. No romance, essa pluralidade de visões ratifica o fato de que a condição feminina é sempre plural e a vivência feminina difere de uma mulher para outra, pois variáveis como raça, etnia, classe, e orientação sexual contribuem para diferenciações importantes dentro do próprio gênero.

Nos capítulos narrados por Gabriela apenas sabemos a respeito dessas personagens, algumas vezes desde uma visão ampla e estereotipada. Contudo, o romance amplia essa perspectiva ao dar voz às personagens para relatarem, desde a sua própria ótica e com sua própria voz, os deslocamentos espaciais e culturais pelos quais passaram e que contribuíram para serem as mulheres que são no momento presente da narração. Os diversos deslocamentos sofridos pelas personagens fazem com que haja uma renegociação das relações de gênero e também das de poder e, conseqüentemente, uma renegociação identitária. Nesses capítulos, as protagonistas relatam como passaram de um processo de silenciamento frente à opressão para sujeitos com voz e direitos.

Essas personagens relatam as angústias, os medos, as dificuldades que passaram no seu próprio país e no país de chegada e o processo de superação que contribuíram para que mudassem a sua maneira de “ser”. Os relatos se centram nos acontecimentos que culminaram com o deslocamento espacial e as estratégias de resistência que criaram e levaram à reconstrução identitária de cada uma: o momento em que enfrentaram a si mesma ou ao Outro opressor (seja na figura dos militares da ditadura; do marido ou de outra mulher) e que contribuíram para transformá-las nas mulheres que são: fortes, independentes e sem medo da figura opressora. Aprenderam a ser elas mesmas, a contarem consigo mesmas, e não dependerem de qualquer figura protetora (seja ela homem ou mulher) para ampará-las e dizerem como devem atuar: aprenderam que são



responsáveis pelo próprio destino. Sob esse prisma, o romance constrói um posicionamento crítico sobre o lugar da mulher na contemporaneidade e relaciona o atravessar territórios com o processo de reconstrução identitária das personagens:


Esta sociedad y su gente se parecen tan poco a todo lo que he conocido hasta ahora, que me ha permitido ver las cosas con distancia, toda mi vida, la parte de Chile, la de Suecia, y desde puntos de vistas nuevos, sin la carga de sentimientos que tenía antes. Me he sentido más tranquila, más libre para ser yo misma, sin tener que responder a las expectativas de nadie. (DRESDNER, 2012, p. 105)

Na narrativa, a discussão sobre a feminização da diáspora está nitidamente marcada pelas diferenças ideológicas, sociais e culturais em relação às questões entre os gêneros e dentro do próprio gênero feminino. A diferença entre os gêneros se centra nas discussões sobre a submissão da mulher à voz masculina e a posições consideradas “machistas” dos homens chilenos e eritreus que consideram como lugar da mulher o espaço privado e o do homem, o espaço público:

Eso se pasó con Francisco: Él quería que yo me quedara a cargo de los detalles domésticos –aseo, loza, ropa, compras, etc. – para que él pudiera dedicarse a la “revolución”. Incluso cuando había reuniones en nuestro departamento, él se incomodaba si yo opinaba. (DRESDNER, 2012, p. 79)

Dentro do próprio gênero, a diferença se centra dentro de duas perspectivas. A primeira, a diferença, apenas aludida e não aprofundada no romance, entre o comportamento social e sexual das mulheres consideradas do “primeiro mundo” e as “do terceiro”: “En Italia siempre hablan de la opresión que los hombres ejercen sobre las mujeres en el Tercer Mundo, pero yo pienso que allá son las mujeres que más oprimen a las mujeres” (DRESDNER, 2012, p. 97). E a segunda, que ocorre a partir uma discussão mais aprofundada no romance pela personagem Gabriela, sobre a diferença entre o comportamento das mulheres ocidentais e das orientais, em especial as eritreias. Essa discussão se centra no espaço do Sudão, país onde a personagem Gabriela viveu durante quase um ano com o namorado Medhani e conviveu com a mãe dele, Zhara, eritreia exilada nesse país e a irmã Azieb, que saiu do Sudão e migrou para a Itália. A discussão sobre a diferença cultural se centra principalmente no ritual da circuncisão feminina, na submissão da mulher à voz masculina e na invisibilidade social da mulher nos espaços públicos e privados:

Nadie espera que te comportes como una eritreana, si no, no podrías salir y te quedarías encerrada en la casa todos los años de tu vida,




cuidando a tu marido, a tus hijos, a tus padres, a tus hermanos solteros, a tus suegros (DRESDNER, 2012, p. 91).

Essa dicotomia mulher ocidental versus oriental é umas das oposições mais marcantes dentro dos estudos do feminino e sugere as dificuldades de se chegar às diversidades do Outro, em especial, à heterogeneidade de mulheres situadas no contraponto do horizonte cultural ocidental. Por isso, ao olhar para a mulher oriental, o feminino ocidental primeiramente destaca a diferença - o Nós versus o Elas – para depois procurar as semelhanças. No romance, as diferenças são tão acentuadas pela voz da personagem Gabriela, que ela não vê semelhanças e *apaga* as marcas identitárias das personagens Zhara e Azieb como indivíduo, para agrupá-las apenas com relação à etnia. No capítulo em que Gabriela narra o encontro com a mãe e a irmã de Medhani, não há menção de nenhum dos traços característicos dessas personagens que possam individualizá-las como sujeitos. Suas identidades são praticamente invisibilizadas pelo “olhar” de Gabriela que as vê apenas como “diferentes” de si, em uma cultura que não entende: “Y claro, antes de casarte, tendrías que pasar por el ritual de la circuncisión, como lo hacen muchísimas mujeres eritreana – agregó. Me pareció inhumano y moralmente asqueroso” (DRESDNER, 2012, p. 92).

Nos capítulos que correspondem as duas personagens eritreias, vemos a contraposição à visão cultural estereotipada apresentada anteriormente por Gabriela. Nos capítulos em que cada personagem relata as suas vivências, elas reconstruem a identidade delas por meio de experiências afirmativas e valorativas dentro de suas próprias culturas, dialogando com a cultura ocidental (diálogo que Gabriela não estabeleceu em seu relato da cultura eritreia)⁴. De modo que, ao final de cada relato, encontramos-nos com outra visão das personagens. Elas se mostram como mulheres fortes que, a sua maneira, enfrentaram os preconceitos de gênero impostos tanto pelos homens quanto pelas próprias mulheres para invisibilizar o que elas são: mulheres, negras e africanas.

No capítulo em que Zhara conta sua história, vemos uma mulher independente que se exilou no Sudão para poder administrar os negócios da família, que lutou para se manter livre da dominação masculina (na figura do pai) e para livrar os seus filhos

⁴ A personagem Gabriela não é capaz de “dialogar” com as diferenças culturais existentes entre ela e as mulheres eritreias. O capítulo no qual Gabriela narra suas experiências com a cultura eritreia se intitula “Preciso de um poco de modernidad”, pois, para personagem, essa cultura ainda se encontrava na Idade Média.



também dessa dominação, permitindo que fossem para o estrangeiro. Seu relato mostra como se utiliza de subterfúgios, não detectados pelo poder masculino hegemônico, para manter as tradições eritreias e, ao mesmo tempo, desconstruir a identidade essencialista que a cultura hegemônica lhe impõe. A voz de Zhara no romance ressignifica a identidade feminina construída para ela pela personagem Gabriela.


A mesma ressignificação ocorre quando Azieb narra a sua história. O relato de Gabriela constrói a figura da irmã de Medhani baseada em estereótipos culturais ocidentais: “Ella era muy callada [...] Era muy bonita, como esas modelos africanas famosas” (DRESDNER, 2012, p. 87). No romance, o relato da personagem sobre si mesma desconstrói esse estereótipo e revela uma mulher que saiu do seu país de origem e migrou para a Itália para poder transformar-se de objeto (como eram vistas as mulheres em sua cultura) a sujeito com direitos. Contudo, ao migrar, descobriu que precisava enfrentar outro tipo de imposição dos papéis de gênero diferentes daqueles com os quais estava habituada: a opressão das mulheres brancas, ocidentais e europeias que a reduziavam apenas a “mulher africana”, pois não se detinham nas especificidades de sua identidade cultural:

¿Qué sabes tú de las mujeres de donde yo vengo? – le repito a Francesca.

–Bueno, sé que las educan para ser buenas esposas y tener muchos hijos –respondió-. Que los matrimonios son arreglos entre las familias y que no pueden andar solas en la calle. Todo el mundo sabe que es así en África. Pero parece que tú no fuiste muy bien educada. – Eres muy ignorante, respondí-. No toda África es igual. (DRESDNER, 2012, p. 95)

Esses conflitos dentro do próprio gênero contribuem para as personagens perceberem que as suas identidades se (re)constróem nos entre-lugares gerados pelos contatos espaciais e culturais entre elas próprias e o Outro. É nesse espaço da diferença em que as personagens se voltam para si mesmas e se compreendem.

O romance, desde o seu título, assume que na sociedade contemporânea tudo é transitório. Nessa transitoriedade, a identidade das personagens também está em constante devir: se constrói nos diversos deslocamentos, encontros e desencontros culturais pelos quais passam. Suas identidades correspondem às construídas a partir de um contínuo processo de readequação e readaptação às diversas culturas pelas quais transitam. Não mais se incorporam à nova cultura e, tampouco, abandonam a de origem, mas criam uma terceira e, nos interstícios das duas, não há o privilégio de um espaço



sobre o outro, mas a interação entre eles. Nesse espaço “entre”, aprendem a traduzir e a negociar com as culturas e a operar em um código plural, conscientes da hibridez cultural e das heterogeneidades presentes em seu ser. Criam para si uma identidade traduzida que ocupa um espaço marcado pelo entre-lugar e pelo trânsito. Essa identidade é a das personagens descentradas e moventes que fazem parte do romance.

Como consequência desses inúmeros deslocamentos, a personagem Gabriela, bem como as demais personagens femininas, compreende o sentimento de ausência e falta que durante tanto tempo acompanhou: a necessidade de estar sempre em movimento. O seu ir e vir expressa não mais a necessidade de deslocar-se, mas o desejo de mudanças sucessivas que caracterizam uma subjetividade nômade. No transcorrer da narrativa compreende como passa de sujeito migrante a nômade: ao invés de raízes cria rotas, percursos, que inviabilizam o sentimento de pertença. Compreende que o pertencimento é ilusório, pois o “lar” não é um lugar fixo, mas sim aquele onde está.

Referências

BERND, Zilá. Nomadismo. In: ____ (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 301-16.

BRAH, Avtar. *Cartografias de la diáspora*. Identidades en cuestión. Trad de Sergio Ojeda. Madrid: Traficantes de sueños, 2011.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividades nômades. *Labrys*. Estudos feministas. Brasília/UNB, num.1-2, junho-dezembro 2002. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem_>. Acesso em: 25 mar. 2013.

DRESDNER, Rossana. *Pasajeros en tránsito*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. 15 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. p. 103-33.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*. Revista electrónica de literatura comparada, núm.5. Universitat de València, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05 ago. 2012.